

Leão XIV

Primeiras palavras do

Papa Leão XIV

[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)

© Copyright: Libreria Editrice Vaticana

© Foto Capa: Vaticano

## Índice

Primeira bênção "Urbi et Orbi" do Santo Padre Leão XIV (08/05/2025)

Discurso do Papa Leão XIV ao Colégio Cardinalício (10/05/2025)

As palavras do Papa no Regina Caeli (11/05/2025)

Antes do Regina Caeli

Depois do Regina Caeli

Encontro com os representantes dos meios de comunicação que vieram a Roma para o conclave (12/05/2025)

Audiência aos participantes do Jubileu das Igrejas Orientais (14/05/2025)

Discurso do Papa Leão XIV aos irmãos das Escolas Cristãs (15/05/2025)

Audiência para o Corpo Diplomático acreditado junto à Santa Sé (16/05/2025)

Discurso do Papa Leão XIV sobre a Doutrina Social da Igreja para a Fundação *Centesimus Annus* (17/05/2025)

Celebração Eucarística por ocasião do início do ministério petrino do Bispo de Roma Leão XIV (18/05/2025)

Regina Caeli no final da Santa Missa

Discurso às Delegações Ecumênicas e Inter-religiosas reunidas para o Início do Ministério Petrino do Papa Leão XIV (19/05/2025)

Homilia do Papa Leão XIV na visita ao sepulcro de São Paulo (20/05/2025)

Encontro com a Cúria Romana e com os funcionários do Estado da Cidade do Vaticano (24/05/2025)

Celebração Eucarística e Tomada de Posse da Cátedra Romana do Bispo de Roma Leão XIV (25/05/2025)

Visita à Basílica de Santa Maria Maior e veneração do Ícone da Santíssima Virgem Maria "Salus Populi Romani" (25/05/2025)

## Primeira bênção “Urbi et Orbi” do Santo Padre Leão XIV (08/05/2025)

Antes da Bênção Urbi et Orbi, o novo Papa se dirigiu aos fiéis com as seguintes palavras:

***Que a paz esteja com vocês!***

Amados irmãos e irmãs,

Esta é a primeira saudação do Cristo Ressuscitado, o Bom Pastor que deu sua vida pelo rebanho de Deus. Eu também gostaria que esta saudação fosse transmitida a todas as famílias, a todos os povos, a toda a Terra: A paz esteja com vocês.

Essa é a paz do Cristo ressuscitado, uma paz que é desarmada e desarmante, humilde e perseverante. Ela vem de Deus, que ama a todos nós incondicionalmente.

Ainda conservamos a voz fraca, mas sempre corajosa, do Papa Francisco que abençoou Roma e deu sua bênção ao mundo inteiro naquela manhã de Páscoa. Permitam-me seguir essa bênção. Deus ama a todos nós e o mal não prevalecerá.

Estamos todos nas mãos de Deus, portanto, sem medo, todos unidos à mão de Deus e uns aos outros, vamos em frente. Sejamos discípulos de Cristo. Cristo vai à nossa frente, o mundo precisa de sua luz. A humanidade precisa dele como a ponte para ser alcançada por Deus e seu amor.

Vocês, construam pontes, por meio do diálogo e do encontro, para sermos um só povo, sempre em paz. Obrigado ao Papa Francisco. Também quero agradecer a todos os irmãos cardeais que me escolheram para ser o sucessor de Pedro e para caminhar com vocês como uma igreja unida, sempre buscando a paz e a justiça e trabalhar como homens e mulheres, fiéis a Jesus Cristo. Sem medo de proclamar o Evangelho, de ser missionários.

Sou filho de Santo Agostinho, que disse: “Sou cristão e por vocês, bispo”. Nesse sentido, podemos caminhar juntos rumo à pátria que Deus preparou para nós.

Dirijo uma saudação especial à Igreja de Roma. Devemos buscar juntos como ser uma igreja missionária que constrói pontes e diálogo. Sempre aberta para acolher a todos, como esta praça, de braços abertos. A todos aqueles que precisam de nossa caridade, nossa presença, diálogo e amor.

Se me permitem, também saúdo a todos, em particular minha querida diocese de Chiclayo, no Peru. Onde um povo fiel acompanhou seu bispo, compartilhou sua fé e deu muito, muito para continuar sendo a Igreja fiel de Jesus Cristo.

A todos vocês, irmãos e irmãs do mundo, queremos ser uma Igreja sinodal, que caminha e busca sempre a paz e a caridade e que está próxima, principalmente, daqueles que sofrem.

Hoje é o dia da súplica a Nossa Senhora de Pompéia. Nossa Mãe Maria quer caminhar conosco, nos ajudar com sua intercessão e seu amor.

Rezemos juntos por essa nova missão, por toda a Igreja e pela paz no mundo. Pedimos essa graça especial a Maria, Nossa Mãe.

Ave Maria...

[Voltar ao índice](#)

## Santa Missa de Sua Santidade Leão XIV com o Colégio Cardinalício (9/05/2025)

Começarei com uma palavra em inglês. O resto será em italiano.

Porém, desejo repetir as palavras do Salmo Responsorial: "Cantai ao Senhor um cântico novo, pelas maravilhas que Ele operou".

E, na verdade, não só comigo, mas com todos nós. Caros irmãos Cardeais, enquanto celebramos nesta manhã, convido-os a reconhecer as maravilhas que o Senhor fez, as bênçãos que o Senhor continua a derramar a todos nós através do Ministério de Pedro.

Vocês me chamaram para carregar esta cruz e ser abençoado com esta missão, e eu sei que posso contar com todos e cada um de vocês para caminhar comigo, enquanto como Igreja, como comunidade de amigos de Jesus e como fiéis continuamos a anunciar a Boa Nova, a anunciar o Evangelho.

"Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo" (*Mt 16, 16*). Com estas palavras, Pedro, interrogado juntamente com os outros discípulos pelo Mestre, sobre a sua fé n'Ele, expressa em síntese o tesouro que a Igreja, através da sucessão apostólica, guarda, aprofunda e transmite há dois mil anos.

Jesus é o Messias, o Filho do Deus vivo, ou seja, o único Salvador, que revela o rosto do Pai.

N'Ele, para se tornar próximo e acessível aos homens, Deus revelou-se nos olhos confiantes de uma criança, na mente viva de um jovem, na fisionomia madura de um homem (cf. Conc. Vat. II, Const. Past. *Gaudium et spes*, 22), até aparecer aos seus, após a ressurreição, com o seu corpo glorioso. Mostrou-nos assim um modelo de humanidade santa que todos podemos imitar, juntamente com a promessa de um destino eterno, que ultrapassa todos os nossos limites e capacidades.

Na sua resposta, Pedro compreende ambas as coisas: o dom de Deus e o caminho a percorrer para se deixar transformar, dimensões inseparáveis da salvação, confiadas à Igreja para que as anuncie para o bem da humanidade. Confiadas a nós, escolhidos por Ele antes de sermos formados no ventre materno (cf. *Jr 1, 5*), regenerados na água do Batismo e, apesar dos nossos limites e sem mérito nosso, conduzidos até aqui e daqui enviados, para que o Evangelho seja anunciado a toda a criatura (cf. *Mc 16, 15*).

E Deus, de modo particular, chamando-me através do seu voto a suceder ao Primeiro dos Apóstolos, confia-me este tesouro para que, com a sua ajuda, eu seja seu fiel administrador (cf. *1 Cor 4, 2*) em benefício de todo o Corpo místico da Igreja; para que ela seja cada vez mais cidade colocada sobre o monte (cf. *Ap 21, 10*), arca de salvação que navega sobre as ondas da história, farol que ilumina as noites do mundo. E isto não tanto pela magnificência das suas estruturas e pela grandiosidade dos seus edifícios – como estes monumentos em que nos encontramos – mas pela santidade dos seus membros, do povo que Deus adquiriu, a fim de proclamar as maravilhas daquele que o chamou das trevas para a sua luz admirável (cf. *1 Pe 2, 9*).

No entanto, antes do diálogo em que Pedro faz a sua profissão de fé, há uma outra pergunta: "Quem dizem os homens", interpela Jesus "que é o Filho do Homem?" (*Mt 16, 13*). Não se trata de uma pergunta banal, diz antes respeito a um aspecto importante do nosso ministério: a realidade em que vivemos, com os seus limites e potencialidades, as suas interrogações e convicções.

“Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?” (Mt 16, 13). Pensando nesta cena, refletindo sobre ela, poderíamos encontrar duas possíveis respostas a esta pergunta e traçar outras tantas atitudes.

Em primeiro lugar, há a resposta do mundo. Mateus sublinha que o diálogo entre Jesus e os seus sobre a identidade d’Ele tem lugar na belíssima cidade de Cesareia de Filipe, cheia de palácios luxuosos, inserida numa paisagem natural encantadora, no sopé do Hermon, mas também sede de círculos de poder cruéis e palco de traições e infidelidades. Esta imagem fala-nos de um mundo que considera Jesus uma pessoa totalmente desprovida de importância, quando muito uma personagem curiosa, capaz de suscitar admiração com a sua maneira invulgar de falar e agir. Por isso, quando a sua presença se tornar incômoda, devido aos pedidos de honestidade e às exigências morais que invoca, este “mundo” não hesitará em rejeitá-lo e eliminá-lo.

Depois, há uma outra possível resposta à pergunta de Jesus: a das pessoas comuns. Para elas, o Nazareno não é um “charlatão”: é um homem justo, corajoso, que fala bem e que diz coisas certas, como outros grandes profetas da história de Israel. Por isso, seguem-no, pelo menos enquanto podem fazê-lo sem demasiados riscos ou inconvenientes. Porém, porque essas pessoas o consideram apenas um homem, no momento do perigo, durante a Paixão, também elas o abandonam e vão embora, desiludidas.

Impressiona a atualidade destas duas atitudes. Com efeito, elas encarnam ideias que poderíamos facilmente reencontrar – talvez expressas com uma linguagem diferente, mas essencialmente idênticas – nos lábios de muitos homens e mulheres do nosso tempo.

Ainda hoje não faltam contextos em que a fé cristã é considerada uma coisa absurda, para pessoas fracas e pouco inteligentes; contextos em que em vez dela se preferem outras seguranças, como a tecnologia, o dinheiro, o sucesso, o poder e o prazer.

São ambientes onde não é fácil testemunhar nem anunciar o Evangelho, e onde quem acredita se vê ridicularizado, contrastado, desprezado, ou, quando muito, suportado e digno de pena. No entanto, precisamente por isso, são lugares onde a missão se torna urgente, porque a falta de fé, muitas vezes, traz consigo dramas como a perda do sentido da vida, o esquecimento da misericórdia, a violação – sob as mais dramáticas formas – da dignidade da pessoa, a crise da família e tantas outras feridas das quais a nossa sociedade sofre, e não pouco.

Ainda hoje, não faltam contextos nos quais Jesus, embora apreciado como homem, é simplesmente reduzido a uma espécie de líder carismático ou super-homem, e isto não apenas entre os não crentes, mas também entre muitos batizados, que acabam por viver, a este nível, num ateísmo prático.

Este é o mundo que nos está confiado e no qual, como tantas vezes nos ensinou o Papa Francisco, somos chamados a testemunhar a alegria da fé em Cristo Salvador. Por isso, também para nós, é essencial repetir: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo” (Mt 16, 16).

É essencial fazer isso, primeiramente, na nossa relação pessoal com Ele, no empenho em percorrer um caminho cotidiano de conversão. Mas depois também, como Igreja, vivendo juntos a nossa pertença ao Senhor e levando a todos a sua Boa Nova (cf. Conc. Vat. II, Const. Dogm. *Lumen gentium*, 1).

Digo isto, em primeiro lugar, para mim mesmo, como Sucessor de Pedro, ao iniciar esta minha missão de Bispo da Igreja que está em Roma, chamada a presidir na caridade à Igreja universal, segundo a célebre expressão de Santo Inácio de Antioquia (cf. *Carta*

*aos Romanos*, Proêmio). Ele, enquanto era conduzido como prisioneiro a esta cidade, lugar do seu iminente sacrifício, escrevia aos cristãos que aqui se encontravam: “Então serei verdadeiro discípulo de Jesus, quando o meu corpo for subtraído à vista do mundo” (*Carta aos Romanos*, IV, 1). Referia-se a ser devorado pelas feras no circo – como aconteceu –; porém, as suas palavras recordam, num sentido mais amplo, um compromisso irrenunciável para quem, na Igreja, exerce um ministério de autoridade: desaparecer para que Cristo permaneça, fazer-se pequeno para que Ele seja conhecido e glorificado (cf. *Jo* 3, 30), gastar-se até ao limite para que a ninguém falte a oportunidade de O conhecer e amar.

Que Deus me dê esta graça, hoje e sempre, com a ajuda da terna intercessão de Maria, Mãe da Igreja.

[Voltar ao índice](#)

## Discurso do Papa Leão XIV ao Colégio Cardinalício (10/05/2025)

Muito obrigado, Eminência! Antes de tomarmos os nossos lugares, começemos com uma oração, pedindo que o Senhor continue a acompanhar este Colégio e, sobretudo, toda a Igreja com este espírito, também com entusiasmo, mas com profunda fé. Rezemos juntos, em latim: *Pater noster... Ave Maria...*

Na primeira parte deste encontro, há uma pequena reflexão que gostaria de partilhar convosco. Depois, haverá uma segunda parte, algo como a experiência que foi pedida por muitos de vós, uma espécie de partilha com o Colégio Cardinalício, para poder ouvir quais os conselhos, sugestões, propostas, coisas muito concretas, das quais já se falou um pouco nos dias que antecederam o Conclave.

Irmãos Cardeais!

Saúdo e agradeço a todos vós por este encontro e pelos dias que o precederam, que foram dolorosos pela perda do Papa Francisco e exigentes pela responsabilidade que enfrentamos juntos, mas, ao mesmo tempo, ricos de graça e consolação no Espírito, segundo a promessa que o próprio Jesus nos fez (cf. *Jó 14, 25-27*).

Queridos Cardeais, vós sois os colaboradores mais próximos do Papa, e isto é de grande conforto para mim, que aceitei um fardo claramente muito superior às minhas forças, assim como o seria para qualquer outra pessoa. A sua presença recorda-me que o Senhor, tendo-me confiado esta missão, não me deixa sozinho a carregar tal responsabilidade. Sei, primeiramente, que posso contar sempre – sempre! – com a sua ajuda, com a ajuda do Senhor, e, pela sua Graça e Providência, com a sua proximidade e a de tantos irmãos e irmãs que, em todo o mundo, acreditam em Deus, amam a Igreja e apoiam o Vigário de Cristo com a oração e as boas obras.

Agradeço ao Decano do Colégio Cardinalício, Cardeal Giovanni Battista Re – que merece um aplauso! Pelo menos um, se não mais –, cuja sabedoria, fruto de uma longa vida e de muitos anos de fiel serviço à Sé Apostólica, nos ajudou muito neste tempo. Agradeço ao Camerlengo da Santa Igreja Romana, Cardeal Kevin Joseph Farrell – acredito que ele está aqui presente –, pelo precioso e árduo papel que desempenhou durante o tempo da Sede Vacante e da Convocação do Conclave. Dirijo também o meu pensamento aos irmãos Cardeais que, por motivos de saúde, não puderam estar presentes e, convosco, uno-me a eles em comunhão de afeto e oração.

Neste momento, ao mesmo tempo triste e alegre, providencialmente envolto pela luz da Páscoa, gostaria que olhássemos juntos para a partida do saudoso Papa Francisco e para o Conclave como um acontecimento pascal, uma etapa do longo êxodo através do qual o Senhor continua a guiar-nos em direção à plenitude da vida. E, nesta perspectiva, confiamos ao “Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação” (*2Cor 1, 3*) a alma do falecido Pontífice e também o futuro da Igreja.

O Papa, começando por São Pedro até mim, seu indigno Sucessor, é um humilde servo de Deus e dos irmãos, nada mais do que isso. Demonstram-no bem os exemplos de tantos dos meus Predecessores, o último dos quais o próprio Papa Francisco, com o seu estilo de total dedicação ao serviço e sobriedade essencial na vida, de abandono em Deus no tempo da missão e de serena confiança no momento da partida para a Casa do Pai. Acolhamos esta preciosa herança e retomemos o caminho, animados pela mesma esperança que vem da fé.

É o Ressuscitado, presente no meio de nós, que protege e guia a Igreja e que continua a reavivá-la na esperança, através do amor “derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5). Cabe a cada um de nós tornarmo-nos ouvintes dóceis da sua voz e ministros fiéis dos seus desígnios de salvação, recordando que Deus gosta de se comunicar, mais do que no estrondo do trovão e do terremoto, no “murmúrio de uma brisa suave” (1Rs 19, 12) ou, como alguns traduzem, numa “leve voz de silêncio”. Este é o encontro importante, a que não se pode faltar, e para o qual devemos educar e acompanhar todo o santo Povo de Deus que nos está confiado.

Nos últimos dias, pudemos ver a beleza e sentir a força desta imensa comunidade, que com tanto carinho e devoção saudou e chorou o seu Pastor, acompanhando-o com a fé e a oração no momento do seu encontro definitivo com o Senhor. Vimos qual é a verdadeira grandeza da Igreja, que vive na variedade dos seus membros unidos à única Cabeça, que é Cristo, “Pastor e Guarda” (1Pe 2, 25) das nossas almas. Ela é o seio onde também nós fomos gerados e, ao mesmo tempo, o rebanho (cf. Jo 21, 15-17), o campo (cf. Mc 4, 1-20) que nos foi dado para que o cuidemos e cultivemos, o alimentemos com os Sacramentos da salvação e o fecundemos com a semente da Palavra, para que, firme na concórdia e entusiasta na missão, caminhe, como outrora os israelitas no deserto, à sombra da nuvem e à luz da chama de Deus (cf. Ex 13, 21).

A este respeito, gostaria que hoje renovássemos juntos a nossa plena adesão a este caminho, que a Igreja universal percorre há décadas na esteira do Concílio Vaticano II. O Papa Francisco recordou e atualizou magistralmente os seus conteúdos na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, da qual gostaria de sublinhar alguns pontos fundamentais: o regresso ao primado de Cristo no anúncio (cf. n. 11); a conversão missionária de toda a comunidade cristã (cf. n. 9); o crescimento na colegialidade e na sinodalidade (cf. n. 33); a atenção ao *sensus fidei* (cf. nn. 119-120), especialmente nas suas formas mais próprias e inclusivas, como a piedade popular (cf. n. 123); o cuidado amoroso com os marginalizados e os excluídos (cf. n. 53); o diálogo corajoso e confiante com o mundo contemporâneo nas suas várias componentes e realidades (cf. n. 84; Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, 1-2).

Trata-se de princípios do Evangelho que sempre animaram e inspiraram a vida e o agir da Família de Deus, valores através dos quais o rosto misericordioso do Pai se revelou e continua a revelar-se no Filho feito homem, última esperança de quem procura com sinceridade a verdade, a justiça, a paz e a fraternidade (cf. Bento XVI, Cart. enc. *Spe salvi*, 2; Francisco, Bula *Spes non confundit*, 3).

Justamente por me sentir chamado a seguir nessa linha, pensei em adotar o nome de Leão XIV. Na verdade, são várias as razões, mas a principal é porque o Papa Leão XIII, com a histórica Encíclica *Rerum novarum*, abordou a questão social no contexto da primeira grande revolução industrial; e, hoje, a Igreja oferece a todos a riqueza de sua doutrina social para responder a outra revolução industrial e aos desenvolvimentos da inteligência artificial, que trazem novos desafios para a defesa da dignidade humana, da justiça e do trabalho.

Queridos irmãos, gostaria de concluir esta primeira parte do nosso encontro fazendo meu – e propondo-o também a vocês – o desejo que São Paulo VI, em 1963, colocou no início do seu ministério petrino: “Passe pelo mundo inteiro, como uma grande chama de fé e de amor que inflame todos os homens de boa vontade, ilumine os caminhos da colaboração recíproca e atraia sobre a humanidade, agora e sempre, a abundância das divinas complacências, a própria força de Deus, sem a ajuda de quem nada é válido, nada é santo” (Mensagem à Família Humana *Qui fausto die*, 22 de junho de 1963).

Sejam esses também os nossos sentimentos, a serem traduzidos em oração e empenho, com a ajuda do Senhor. Obrigado!

[Voltar ao índice](#)

# As palavras do Papa no Regina Caeli (11/05/2025)

## Antes do Regina Caeli

Caros irmãos e irmãs: Bom Domingo!

Considero um dom de Deus que o primeiro Domingo do meu serviço como Bispo de Roma seja o Domingo do Bom Pastor, o quarto Domingo do Tempo Pascal. Neste Domingo, proclamamos sempre na Missa uma passagem do capítulo décimo do Evangelho de João, na qual Jesus se revela como o verdadeiro Pastor, que conhece e ama as suas ovelhas e dá a vida por elas

Neste domingo é celebrado, há sessenta e dois anos, o *Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. Além disso, Roma acolhe hoje o Jubileu das Bandas e do Espetáculo Popular. Saúdo com afeto todos estes peregrinos e agradeço-lhes porque, com a sua música e as suas apresentações artísticas, alegam a festa de Cristo Bom Pastor: sim, é Ele que guia a Igreja com o seu Espírito Santo.

Jesus afirma no Evangelho que *conhece* as suas ovelhas e que elas *escutam* a sua voz e *O seguem* (cf. Jo 10, 27). Com efeito, como ensina o Papa São Gregório Magno, as pessoas "correspondem ao amor daquele que as ama" (*Homilia* 14, 3-6)

Hoje, portanto, irmãos e irmãs, tenho a alegria de rezar com vocês e com todo o Povo de Deus pelas vocações, especialmente pelas vocações sacerdotais e religiosas. A Igreja tem grande necessidade delas! E é importante que os jovens e as jovens encontrem, nas nossas comunidades, *acolhimento, escuta e encorajamento* no seu caminho vocacional, e que possam contar com modelos convincentes de dedicação generosa a Deus e aos irmãos.

Façamos nosso o convite que o Papa Francisco nos deixou na sua Mensagem para o dia de hoje: o convite a acolher e acompanhar os jovens. E peçamos ao nosso Pai celeste que sejamos uns para os outros, cada um segundo a sua condição, pastores "segundo o seu coração" (cf. Jr 3,15), capazes de se ajudarem mutuamente a caminhar no amor e na verdade. E aos jovens eu digo: Não tenham medo! Aceitem o convite da Igreja e de Cristo Senhor.

Que a Virgem Maria, cuja vida inteira foi uma resposta ao chamamento do Senhor, nos acompanhe sempre no seguimento de Jesus.

## Depois do Regina Caeli

Irmãos e irmãs!

A imensa tragédia da segunda guerra mundial terminou há 80 anos, no dia 8 de maio, depois de ter provocado 60 milhões de vítimas. No dramático cenário atual de uma terceira guerra mundial em pedaços, como o Papa Francisco afirmou repetidamente, também eu me dirijo aos grandes do mundo, reiterando o apelo sempre atual: "Nunca mais a guerra!".

Trago no meu coração os sofrimentos do amado povo ucraniano. Que se faça tudo o que for possível para alcançar uma paz autêntica, justa e duradoura o mais rapidamente possível. Que todos os prisioneiros sejam libertados e que as crianças possam regressar às suas famílias.

Estou profundamente consternado com o que ocorre na Faixa de Gaza. Cessar-fogo imediatamente! Que seja prestada ajuda humanitária à população civil extenuada e que todos os reféns sejam libertados.

Por outro lado, congratulo-me com o anúncio do cessar-fogo entre a Índia e o Paquistão e espero que, através das próximas negociações, se possa chegar em breve a um acordo duradouro.

Mas quantos outros conflitos existem no mundo! Confio este apelo sincero à Rainha da paz, para que o apresente ao Senhor Jesus e nos obtenha o milagre da paz.

E agora saúdo com afeto todos vocês, romanos e peregrinos de vários países. Saúdo os membros da British and Foreign Bible Society, o grupo de médicos de Granada (Espanha), os fiéis de Malta, Panamá, Dallas (Texas), Valladolid, Torrelodones (Madri), Montesilvano e Cinisi (Palermo).

Saúdo os participantes na manifestação "Escolhamos a vida" e os jovens da Fraternidade de Santa Maria Imaculada e São Francisco de Assis, de Reggio Emilia.

Hoje, na Itália e noutros países, celebra-se o Dia da mãe. Transmito uma saudação carinhosa a todas as mães, com uma oração por elas e por aquelas que já estão no Céu.

Feliz festa a todas as mães!

Obrigado a todos vocês! Bom domingo a todos!

[Voltar ao índice](#)

## Encontro com os representantes dos meios de comunicação que vieram a Roma para o conclave (12/05/2025)

Bom dia e obrigado por este maravilhoso acolhimento! Dizem que quando se aplaude ao início não importa muito... Se vocês ainda estiverem acordados ao final e quiserem aplaudir... muito obrigado!

Irmãos e irmãs!

A todos vocês, representantes dos *meios de comunicação social* do mundo inteiro, dou as boas-vindas. Agradeço o trabalho que realizaram e realizam neste tempo que, para a Igreja, é essencialmente um tempo de Graça.

No "Sermão da Montanha", Jesus proclamou: "Felizes os pacificadores" (*Mt 5, 9*). Esta é uma bem-aventurança que interpela a todos nós e que lhes diz respeito de perto, chamando cada um ao compromisso de levar adiante uma comunicação diferente, que não procura o consenso a qualquer custo, que não se reveste de palavras agressivas, que não adere ao modelo da competição, que nunca separa a busca da verdade do amor com que humildemente a devemos procurar. A paz começa em cada um de nós: na forma como olhamos para os outros, ouvimos os outros, falamos dos outros; e, neste sentido, a forma como comunicamos adquire uma importância fundamental: temos de dizer "não" à guerra das palavras e das imagens, temos de rejeitar o paradigma da guerra.

Permiti-me, então, que hoje reitere a solidariedade da Igreja para com os jornalistas presos por terem procurado relatar a verdade, e que, com estas palavras, peça a libertação desses jornalistas que se encontram na prisão. A Igreja reconhece nestes testemunhos – penso naqueles que narram a guerra mesmo à custa da própria vida – a coragem de quem defende a dignidade, a justiça e o direito dos povos a serem informados, porque só os povos informados podem fazer escolhas livres. O sofrimento destes jornalistas presos interpela a consciência das nações e da comunidade internacional, chamando-nos a salvaguardar o bem precioso da liberdade de expressão e de imprensa.

Obrigado, caros amigos, pelo seu serviço à verdade. Vocês estiveram em Roma nestas semanas para noticiar a Igreja, a sua variedade e, ao mesmo tempo, a sua unidade. Acompanharam os ritos da Semana Santa; narraram a dor pela morte do Papa Francisco que, porém, ocorreu à luz da Páscoa. Essa mesma fé pascal introduziu-nos no espírito do Conclave, em que vocês ficaram particularmente ocupados em dias cansativos; e, também nesta ocasião, conseguiram narrar a beleza do amor de Cristo que une a todos e faz de nós um só povo, guiado pelo Bom Pastor.

Vivemos tempos difíceis de atravessar e narrar, que representam um desafio para todos nós, do qual não devemos fugir. Pelo contrário, estes tempos pedem a cada um de nós, nas nossas diferentes funções e serviços, que nunca cedamos à mediocridade. A Igreja deve aceitar o desafio do tempo e, do mesmo modo, não pode haver comunicação e jornalismo fora do tempo e da história. Como nos recorda Santo Agostinho, que dizia: "Vivamos bem e os tempos serão bons! Nós somos os tempos" (*Sermão 80, 8*).

Obrigado, portanto, pelo que fizeram para sair dos estereótipos e dos clichês através dos quais muitas vezes lemos a vida cristã e a vida da própria Igreja. Obrigado, porque conseguiram captar o essencial daquilo que somos e transmiti-lo por todos os meios ao mundo inteiro.

Hoje, um dos desafios mais importantes é promover uma comunicação capaz de nos fazer sair da "torre de Babel" em que, às vezes, nos encontramos, sair da confusão de

linguagens sem amor, muitas vezes ideológicas ou sectárias. Por isso, o seu serviço, com as palavras que usam e o estilo que empregam, é importante. Com efeito, a comunicação não é apenas a transmissão de informações, mas a criação de uma cultura, de ambientes humanos e digitais que se tornam espaços de diálogo e de confronto de ideias. E, olhando para a evolução tecnológica, esta missão torna-se ainda mais necessária. Penso, particularmente, na inteligência artificial com o seu imenso potencial que, no entanto, exige responsabilidade e discernimento para orientar as ferramentas para o bem de todos, a fim de que possam produzir benefícios para a humanidade. E esta responsabilidade diz respeito a todos, em proporção à idade e aos papéis sociais.

Caros amigos, com o tempo aprenderemos a conhecer-nos melhor. Temos vivido – podemos dizer juntos – dias muito especiais. Compartilhamos estes dias com todos os meios de comunicação: televisão, rádio, *Internet* e redes sociais. Gostaria que cada um de nós pudesse dizer que estes meios nos revelaram um pouco do mistério da nossa humanidade e que nos deixaram um desejo de amor e de paz. É por isso que os repito hoje o convite feito pelo Papa Francisco na sua última mensagem para o próximo *Dia Mundial das Comunicações Sociais*: desarmemos a comunicação de todos os preconceitos, rancores, fanatismos e ódios; limpemo-la da agressividade. Não precisamos de uma comunicação beligerante e musculosa, mas sim de uma comunicação capaz de escutar, de recolher a voz dos fracos que não têm voz. Desarmemos as palavras e ajudaremos a desarmar a Terra. Uma comunicação desarmada e desarmante permite-nos partilhar uma visão diferente do mundo e agir de forma coerente com a nossa dignidade humana

Vocês estão na linha da frente, narrando conflitos e esperanças de paz, situações de injustiça, de pobreza, e o trabalho silencioso de tantos por um mundo melhor. É por isso que peço que escolham, de forma consciente e corajosa, o caminho da comunicação da paz.

Obrigado a todos vocês. Deus os abençoe!

[Voltar ao índice](#)

#iubilaeum2025

## Audiência aos participantes do Jubileu das Igrejas Orientais (14/05/2025)

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a paz esteja convosco!

*Beatitudes, Eminência, Excelências  
Caríssimos sacerdotes, consagradas e consagrados  
Irmãos e irmãs!*

*Cristo ressuscitou. Verdadeiramente ressuscitou!* Saúdo vocês com as palavras que, neste tempo pascal, o Oriente cristão não se cansa de repetir em muitas regiões, professando o âmago da fé e da esperança. E é bom ver vocês aqui precisamente por ocasião do Jubileu da esperança, da qual a ressurreição de Jesus é o fundamento indestrutível. Bem-vindos a Roma! Estou feliz por me encontrar com vocês e por dedicar um dos primeiros encontros do meu pontificado aos fiéis orientais.

Vocês são preciosos! Olhando para vocês, penso na variedade das suas proveniências, na história gloriosa e nos amargos sofrimentos que muitas das suas comunidades padeceram ou padecem. E gostaria de reiterar o que o Papa Francisco disse sobre as Igrejas Orientais: "São Igrejas que devem ser amadas, conservam tradições espirituais e sapienciais únicas e têm muito a dizer-nos sobre a vida cristã, a sinodalidade, a liturgia; pensemos nos antigos Padres, nos Concílios, no monaquismo, tesouros inestimáveis para a Igreja" (*Discurso aos participantes na Assembleia da ROACO, 27 de junho de 2024*).

Desejo citar também o Papa Leão XIII, que pela primeira vez dedicou um documento específico à dignidade das suas Igrejas, considerando sobretudo que "a obra da redenção humana teve início no Oriente" (cf. Carta apostólica *Orientalium dignitas*, 30 de novembro de 1894). Sim, vocês desempenham "um papel singular e privilegiado como contexto original da Igreja nascente" (São João Paulo II, Carta apostólica *Orientalis lumen*, 5). É significativo que algumas das suas Liturgias – que nestes dias celebram solenemente em Roma, segundo várias tradições – ainda usem a língua do Senhor Jesus. Mas o Papa Leão XIII dirigiu um forte apelo para que a "legítima variedade de liturgia e disciplina orientais [...] redunde a favor [...] do grande decoro e utilidade da Igreja" (Carta apostólica *Orientalium dignitas*). A sua preocupação de então é muito atual, pois nos nossos dias tantos irmãos e irmãs orientais, entre os quais muitos de vocês, obrigados a fugir dos seus territórios de origem por causa da guerra e das perseguições, da instabilidade e da pobreza, correm o risco, chegando ao Ocidente, de perder não só a pátria, mas também a identidade religiosa. E assim, com o passar das gerações, perde-se o legado inestimável das Igrejas Orientais.

Há mais de um século, Leão XIII observou que "a conservação dos ritos orientais é mais importante do que geralmente se crê" e, com esta finalidade, chegou a prescrever que "qualquer missionário latino, quer do clero secular ou regular que, com conselhos ou ajudas, atraia algum oriental para o rito latino" fosse "demitido e excluído do seu ofício" (*ibid.*). Acolhamos o apelo a salvaguardar e promover o Oriente cristão, especialmente na diáspora; aqui, além de erigir, onde possível e oportuno, Circunscrições orientais, é necessário sensibilizar os latinos. Neste sentido, peço ao Dicastério para as Igrejas Orientais, a quem agradeço pelo seu trabalho, que me ajude a definir princípios, normas e diretrizes através das quais os Pastores latinos possam apoiar concretamente os católicos orientais na diáspora a preservar as suas tradições vivas e a enriquecer com a sua especificidade o contexto em que vivem.

A Igreja precisa de vocês! Como é grande a contribuição que o Oriente cristão nos pode oferecer hoje! Quanta necessidade temos de recuperar o sentido do mistério, tão vivo nas suas liturgias, que abrangem a pessoa humana na sua totalidade, cantam a beleza da salvação e suscitam o enlevo pela grandeza divina que abraça a pequenez humana! E como é importante redescobrir, também no Ocidente cristão, o sentido do primado de Deus, o valor da mistagogia, da intercessão incessante, da penitência, do jejum, do pranto pelos pecados, próprios e de toda a humanidade (*penthos*), tão típicos das espiritualidades orientais! Por isso, é fundamental valorizar as suas tradições sem as diluir, talvez por praticidade e comodidade, para que não sejam corrompidas por um espírito consumista e utilitarista.

As suas espiritualidades, antigas e sempre novas, são medicinais. Nelas, o sentido dramático da miséria humana funde-se com a admiração pela misericórdia divina, de tal modo que as nossas baixezas não provoquem desespero, mas convidem a acolher a graça de ser criaturas curadas, divinizadas e elevadas às alturas celestiais. É preciso louvar e dar graças incessantes ao Senhor por isto! Podemos recitar com vocês as palavras de Santo Efrém, o Sírio, dizendo a Jesus: "Glória a Vós que fizestes da sua cruz uma ponte sobre a morte. [...] Glória a Vós que vos revestistes do corpo do homem mortal, transformando-o em manancial de vida para todos os mortais" (*Discurso sobre o Senhor*, 9). É um dom a pedir, o de saber ver a certeza da Páscoa em todas as tribulações da vida sem desanimar, recordando, como escrevia outro grande Padre oriental, que "o maior pecado é não acreditar nas energias da Ressurreição" (Santo Isaac de Nínive, *Sermones ascetici*, I, 5).

Portanto, quem mais do que vocês pode entoar palavras de esperança no abismo da violência? Quem melhor do que vocês, que conhecem de perto os horrores da guerra, a ponto que o Papa Francisco definiu as suas Igrejas "martiriais" (*Discurso à ROACO*, cit.)? É verdade: da Terra Santa à Ucrânia, do Líbano à Síria, do Oriente Médio ao Tigray e ao Cáucaso, quanta violência! E diante de todo este horror, sobre os massacres de tantas vidas jovens, que deveriam provocar indignação, porque em nome da conquista militar são as pessoas que morrem, sobressai um apelo: não tanto do Papa, mas de Cristo, que repete: "A paz esteja convosco!" (*Jo 20*, 19.21.26). E especifica: "Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá" (*Jo 14*, 27). A paz de Cristo não é o silêncio sepulcral depois de um conflito, não é o resultado de um esmagamento, mas é um dom que olha para as pessoas e reativa a sua vida. Rezemos por esta paz, que é reconciliação, perdão, coragem para virar a página e começar.

Farei todos os esforços para que esta paz se propague. A Santa Sé está disponível para que os inimigos se encontrem e se fitem nos olhos, para que aos povos se devolvam a esperança e a dignidade que merecem, a dignidade da paz. Os povos querem a paz e eu, com o coração nas mãos, digo aos responsáveis dos povos: encontremo-nos, dialoguemos, negociemos! A guerra nunca é inevitável, as armas podem e devem ser silenciadas, pois não resolvem os problemas, mas só os aumentam; pois ficará na história quem semeia a paz, não quem ceifa vítimas; pois os outros não são sobretudo inimigos, mas seres humanos: não vilões a odiar, mas pessoas com quem falar. Rejeitemos as visões maniqueístas típicas das narrações violentas, que dividem o mundo entre bons e maus.

A Igreja não se cansará de repetir: silenciem as armas! E gostaria de dar graças a Deus por aqueles que, no silêncio, na oração, na oferta, tecem fios de paz; e aos cristãos – orientais e latinos – que, sobretudo no Médio Oriente, perseveram e resistem nas suas terras, mais fortes do que a tentação de as abandonar. Aos cristãos deve ser dada a oportunidade, não apenas palavras, de permanecer nas suas terras com todos os direitos necessários para uma existência segura. Por favor, que se lute por isto!

E obrigado, obrigado a vocês, queridos irmãos e irmãs do Oriente, de onde ressuscitou Jesus, Sol de justiça, por serdes “luzes do mundo” (cf. *Mt* 5, 14). Continuem a brilhar pela fé, esperança e caridade, por nada mais! Que as suas Igrejas sirvam de exemplo e os Pastores promovam com retidão a comunhão, especialmente nos Sínodos dos Bispos, para que sejam lugares de colegialidade e de autêntica corresponsabilidade. Que haja transparência na gestão dos bens, que se dê testemunho de humilde e total dedicação ao povo santo de Deus, sem apego às honras, aos poderes do mundo e à própria imagem. São Simeão, o Novo Teólogo, indicava um bom exemplo: “Assim como alguém, lançando pó sobre a chama de uma fornalha ardente, a apaga, do mesmo modo as preocupações desta vida e toda a espécie de apego a coisas mesquinhas e sem valor destroem o calor do coração aceso nos primórdios” (*Capítulos práticos e teológicos*, 63). O esplendor do Oriente cristão exige, hoje mais do que nunca, a libertação de toda a dependência mundana e de quaisquer tendências contrárias à comunhão, para ser fiel na obediência e no testemunho evangélicos.

Agradeço a vocês por isto e os abençoo de coração, pedindo que rezem pela Igreja e elevem as suas poderosas orações de intercessão pelo meu ministério. Obrigado!

[Voltar ao índice](#)

## Discurso do Papa Leão XIV aos irmãos das Escolas Cristãs (15/05/2025)

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a paz esteja convosco!

*Eminência*

*Prezados irmãos e irmãs, bem-vindos!*

Estou muito feliz por recebê-los no terceiro centenário da promulgação da Bula *In apostolicae dignitatis solio*, com que o Papa Bento XIII aprovou o seu Instituto e a sua Regra (26 de janeiro de 1725). Ele coincide também com o 75º aniversário da proclamação, por parte do Papa Pio XII, de São João Batista de La Salle “Padroeiro celeste de todos os educadores” (cf. Carta apostólica *Quod ait*, 15 de maio de 1950: *AAS* 12, 1950, 631-632).

Três séculos mais tarde, é bom constatar que a sua presença continua a manter em si o vigor de uma rica e vasta realidade educativa, com que ainda hoje, em várias partes do mundo, vocês se dedicam à formação dos jovens com entusiasmo, fidelidade e espírito de sacrifício.

Precisamente à luz destas celebrações, gostaria de refletir com vocês sobre dois aspectos da sua história, que considero importantes para todos nós: a *atenção à atualidade* e a *dimensão ministerial e missionária do ensino* na comunidade.

O início da sua obra fala muito de “atualidade”. São João Batista de La Salle começou respondendo a um pedido de ajuda de um leigo, Adrian Nyel, que tinha dificuldades em manter as suas “escolas dos pobres”. O seu fundador reconheceu no seu pedido de ajuda um sinal de Deus, enfrentou o desafio e pôs mãos à obra. Assim, além das suas próprias intenções e expectativas, deu vida a um novo sistema de ensino: o das *Escolas cristãs*, gratuitas e abertas a todos. Entre os elementos inovadores por ele introduzidos nesta revolução pedagógica, recordamos o ensino destinado a classes, não mais a alunos individualmente; em vez do latim, a adoção do francês como língua didática, acessível a todos; as aulas dominicais, nas quais podiam participar até os jovens obrigados a trabalhar durante a semana; a participação das famílias nos percursos escolares, segundo o princípio do “triângulo educativo”, ainda hoje válido. Assim os problemas, na medida em que iam surgindo, em vez de o desencorajarem, estimulavam-no a procurar respostas criativas e a aventurar-se por sendas novas e não raro inexploradas.

Tudo isto não pode deixar de nos fazer refletir, suscitando também em nós interrogações úteis. Quais são, no mundo juvenil dos nossos dias, os desafios mais urgentes a enfrentar? Quais são os valores a promover? Com que recursos contar?

Os jovens do nosso tempo, como os de todas as épocas, constituem um vulcão de vida, de energias, de sentimentos, de ideias. Vê-se isto a partir das maravilhas que sabem fazer, em tantos setores. Contudo, também precisam de ajuda, para fazer crescer tanta riqueza em harmonia e para ultrapassar o que, embora de modo diferente em relação ao passado, ainda pode impedir o seu desenvolvimento saudável.

Se, por exemplo, no século XVII, o uso da língua latina representava para muitos uma barreira de comunicação insuperável, hoje há outros obstáculos a enfrentar. Pensemos no isolamento que provocam modelos relacionais alastradores, cada vez mais pautados pela superficialidade, pelo individualismo e pela instabilidade afetiva; na difusão de esquemas de pensamento debilitados pelo relativismo; na predominância de ritmos e estilos de vida em que não há espaço suficiente para a escuta, a reflexão e o diálogo, a escola, a família, às vezes até entre os próprios coetâneos, com a solidão que disto deriva.

Trata-se de desafios exigentes que também nós, como São João Batista de La Salle fez, podemos transformar em trampolins para explorar caminhos, elaborar instrumentos e adotar novas linguagens, com os quais continuar a tocar o coração dos alunos, ajudando-os e estimulando-os a enfrentar com coragem todos os obstáculos, para dar o melhor de si na vida, segundo os desígnios de Deus. Neste sentido, é louvável a atenção que vocês prestam, nas suas escolas, à formação dos professores e à criação de comunidades educativas em que o esforço didático é enriquecido com a contribuição de todos. Encorajo vocês a seguir estes caminhos!

Mas gostaria de mencionar outro aspecto da realidade lassalista, que considero importante: o *ensino* vivido como *ministério e missão*, como *consagração* na Igreja. São João Batista de La Salle não queria que houvesse sacerdotes, mas unicamente “irmãos” entre os professores das *Escolas cristãs*, a fim de que, com a ajuda de Deus, todos os seus esforços visassem a educação dos alunos. Gostava de dizer: “O seu altar é a cátedra”, promovendo assim na Igreja do seu tempo uma realidade até então desconhecida, a dos professores e catequistas *leigos* investidos, na comunidade, de um verdadeiro e próprio “ministério”, segundo o princípio de evangelizar educando e educar evangelizando (cf. Francisco, *Discurso aos participantes no Capítulo geral dos Irmãos das escolas cristãs*, 21 de maio de 2022).

Assim, o carisma da escola, que vocês abraçam com o quarto voto de ensino, além de um serviço à sociedade e uma preciosa obra de caridade, aparece ainda hoje como uma das mais bonitas e eloquentes explicitações daquele *munus* sacerdotal, profético e real que todos recebemos no Batismo, como frisam os documentos do Concílio Vaticano II. Deste modo, nas suas realidades educativas, os religiosos tornam profeticamente visível, através da sua consagração, a ministerialidade batismal que encoraja todos (cf. Constituição dogmática *Lumen gentium*, 44), cada qual segundo a sua condição e os seus deveres, sem diferenças, a “contribuir como membros vivos [...] para o crescimento da Igreja e para a sua santificação permanente” (*ibid.*, 33).

Por este motivo, faço votos a fim de que as vocações à consagração religiosa lassalista cresçam, que sejam incentivadas e promovidas nas suas escolas e fora delas e que, em sinergia com todos os outros componentes da formação, contribuam para suscitar entre os jovens que as frequentam caminhos de santidade jubilosos e fecundos.

Obrigado pelo que fazem! Rezo por vocês e concedo a Bênção apostólica, que de bom grado estendo a toda a Família lassalista!

[Voltar ao índice](#)

## Audiência para o Corpo Diplomático acreditado junto à Santa Sé (16/05/2025)

*Eminência,  
Excelências,  
Senhoras e Senhores,  
A paz esteja convosco!*

Agradeço a S. Ex.<sup>cia</sup> o Sr. George Poulides, Embaixador da República de Chipre e Decano do Corpo Diplomático, pelas expressões cordiais que, em nome de todos, me dirigiu e pelo seu trabalho incansável, realizado com o vigor, a paixão e a simpatia que o distinguem, qualidades que lhe valeram a estima de todos os meus Predecessores durante estes anos de missão junto da Santa Sé, em particular, do saudoso Papa Francisco.

Gostaria de agradecer, igualmente, as numerosas mensagens de felicitações que se seguiram à minha eleição, bem como as de condolências pelo falecimento do Papa Francisco que as precederam e vieram também de países com os quais a Santa Sé não mantém relações diplomáticas. Trata-se de uma significativa declaração de estima, que favorece o aprofundamento das relações mútuas.

No nosso diálogo, gostaria que prevalecesse sempre o sentido de família – com efeito, a comunidade diplomática representa toda a família dos povos – partilhando as alegrias e as tristezas da vida bem como os valores humanos e espirituais que a animam. A diplomacia pontifícia é realmente expressão da própria catolicidade da Igreja e, na sua ação diplomática, a Santa Sé é animada por uma urgência pastoral que a impele a intensificar a sua missão evangélica ao serviço da humanidade, não a procurar privilégios. Essa ação combate toda a indiferença e interpela continuamente as consciências, como o fez incansavelmente o meu venerado Predecessor, sempre atento ao grito dos pobres, dos necessitados e dos marginalizados, bem como aos desafios que marcam o nosso tempo, desde a salvaguarda da criação à inteligência artificial.

Além de ser um sinal concreto da atenção dos seus países para com a Sé Apostólica, a sua presença hoje é para mim um dom, que permite recordar a aspiração da Igreja – e a minha pessoal – de alcançar e abraçar todos os povos e cada pessoa desta terra, desejosa e necessitada de verdade, de justiça e de paz! De certa forma, a minha própria experiência de vida, desenvolvida entre a América do Norte, a América do Sul e a Europa, é representativa desta aspiração de atravessar fronteiras para encontrar pessoas e culturas diferentes.

Através do trabalho constante e paciente da Secretaria de Estado, pretendo consolidar o conhecimento mútuo e o diálogo com vocês e com os seus países, muitos dos quais já tive a graça de visitar ao longo da minha vida, sobretudo quando era Prior Geral dos Agostinianos. Confio que a Divina Providência me concederá novas oportunidades de encontro com as realidades de onde são provenientes, permitindo-me acolher as ocasiões que surgirão para confirmar na fé tantos irmãos e irmãs espalhados pelo mundo e para construir novas pontes com todas as pessoas de boa vontade.

No nosso diálogo, gostaria que tivéssemos presentes três palavras-chave, que constituem os pilares da ação missionária da Igreja e do trabalho da diplomacia da Santa Sé.

A primeira palavra é *paz*. Demasiadas vezes pensamos nela como uma palavra “negativa”, ou seja, como uma mera ausência de guerra e de conflito, visto que o

confronto faz parte da natureza humana e acompanha-nos sempre, levando-nos demasiadas vezes a viver num “estado de conflito” constante: em casa, no trabalho, na sociedade. A paz parece então uma simples trégua, uma pausa de repouso entre uma disputa e outra, porque, por mais que nos esforcemos, as tensões estão sempre presentes, um pouco como as brasas ardendo sob as cinzas, prontas a reacender-se a qualquer momento.

Na perspectiva cristã – como na de outras experiências religiosas – a paz é, principalmente, um dom: o primeiro dom de Cristo: “Dou-vos a minha paz” (Jo 14, 27). No entanto, essa paz é um dom ativo e envolvente, que diz respeito e compromete a cada um de nós, independentemente da origem cultural e da filiação religiosa, e que exige, sobretudo, um trabalho sobre si mesmo. A paz constrói-se no coração e a partir do coração, erradicando o orgulho e as pretensões, e medindo a linguagem, pois também com as palavras se pode ferir e matar, não só com as armas.

Nesta ótica, considero fundamental o contributo que as religiões e o diálogo inter-religioso podem dar para promover contextos de paz. Isto exige, evidentemente, o pleno respeito pela liberdade religiosa em todos os países, uma vez que a experiência religiosa é uma dimensão fundamental da pessoa humana, sem a qual é difícil, se não impossível, alcançar a purificação do coração necessária para construir relações de paz.

A partir deste trabalho, que todos somos chamados a fazer, é possível erradicar as premissas de qualquer conflito ou vontade destrutiva de conquista. Isto exige também uma abertura sincera ao diálogo, animada pelo desejo de encontro e não de confronto. Nesta perspectiva, faz-se necessário dar um novo fôlego à diplomacia multilateral e às instituições internacionais que foram desejadas e concebidas, em primeiro lugar, para remediar as relações conflituosas que possam surgir no seio da comunidade internacional. Naturalmente, também é necessária a vontade de deixar de produzir instrumentos de destruição e morte, porque, como recordou o Papa Francisco na sua última Mensagem *Urbi et Orbi*: “Não é possível haver paz sem um verdadeiro desarmamento! A necessidade que cada povo sente de garantir a sua própria defesa não pode transformar-se numa corrida generalizada ao armamento”.

A segunda palavra é *justiça*. A busca da paz exige a prática da justiça. Como já referi, escolhi o meu nome a pensar principalmente em Leão XIII, o Papa da primeira grande encíclica social, a *Rerum novarum*. Na mudança de época que estamos vivendo, a Santa Sé não pode deixar de fazer ouvir a sua voz perante os numerosos desequilíbrios e injustiças que conduzem, entre outras coisas, a condições indignas de trabalho e a sociedades cada vez mais fragmentadas e conflituosas. É necessário também esforçar-se para remediar as desigualdades globais, que veem a opulência e a indigência traçar sulcos profundos entre continentes, países e mesmo no interior de cada sociedade.

Cabe aos responsáveis governamentais esforçarem-se por construir sociedades civis harmoniosas e pacíficas. Isto pode ser feito, principalmente, investindo na família, fundada na união estável entre o homem e a mulher, uma “sociedade muito pequena certamente, mas real e anterior a toda a sociedade civil” (Leão XIII, Carta Encíclica. *Rerum novarum*, 15 de maio de 1891, 9). Além disso, ninguém pode deixar de favorecer contextos em que a dignidade de cada pessoa é protegida, especialmente a das mais frágeis e indefesas, do nascituro ao idoso, do doente ao desempregado, seja ele cidadão ou imigrante.

A minha própria história é a de um cidadão, descendente de imigrantes, e também emigrado. Cada um de nós, ao longo da vida, pode encontrar-se saudável ou doente, empregado ou desempregado, na sua terra natal ou numa terra estrangeira: a nossa dignidade, no entanto, permanece sempre a mesma, a de uma criatura querida e amada por Deus.

A terceira palavra é *verdade*. Não é possível construir relações realmente pacíficas, mesmo no seio da comunidade internacional, sem a verdade. Quando as palavras assumem conotações ambíguas e ambivalentes e o mundo virtual, com a sua percepção alterada da realidade, ganha a dianteira sem medida, é difícil construir relações autênticas, uma vez que se perdem as premissas objetivas e reais da comunicação.

Por seu lado, a Igreja nunca se pode furtar a dizer a verdade sobre o homem e sobre o mundo, mesmo recorrendo, quando necessário, a uma linguagem franca, que pode provocar alguma incompreensão inicial. A verdade, porém, nunca está separada da caridade, que tem sempre na sua raiz a preocupação pela vida e pelo bem de cada homem e mulher. Além disso, na perspectiva cristã, a verdade não é a afirmação de princípios abstratos e desencarnados, mas o encontro com a própria pessoa de Cristo, que vive na comunidade dos cristãos. Assim, a verdade não nos aliena, mas permite-nos enfrentar com maior vigor os desafios do nosso tempo, como as migrações, o uso ético da inteligência artificial e a preservação da nossa querida Terra. São desafios que exigem o empenho e a cooperação de todos, pois ninguém pode pensar em enfrentá-los sozinho.

*Caros Embaixadores,*

O meu ministério começa no coração de um ano jubilar, dedicado de modo especial à esperança. É um tempo de conversão e de renovação e, sobretudo, uma oportunidade para deixar para trás os conflitos e iniciar um novo caminho, animado pela esperança de poder construir, trabalhando juntos, cada um segundo as suas sensibilidades e responsabilidades, um mundo em que todos possam realizar a sua humanidade na verdade, na justiça e na paz. Espero que isto possa acontecer em todos os contextos, a começar pelos mais provados, como a Ucrânia e a Terra Santa.

Agradeço por todo o trabalho que fazem para construir pontes entre os seus países e a Santa Sé e, de todo o coração, abençoo-os com as suas famílias e os seus povos. Obrigado!

[Bênção]

E obrigado por todo o trabalho que fazem!

[Voltar ao índice](#)

## Discurso do Papa Leão XIV sobre a Doutrina Social da Igreja para a Fundação *Centesimus Annus* (17/05/2025)

Good morning everyone! Bom dia!

Estimados irmãos e irmãs, bem-vindos!

Agradeço ao Presidente e aos membros da Fundação *Centesimus Annus Pro Pontifice* e saúdo todos vocês que participam na anual Conferência internacional e Assembleia geral.

O tema da Conferência deste ano – “Superar as polarizações e reconstruir a *governance* global: as bases éticas” – vai ao cerne do significado e do papel da Doutrina Social da Igreja, instrumento de paz e de diálogo para construir pontes de fraternidade universal. Especialmente neste tempo pascal, reconheçamos que o Ressuscitado nos precede até onde a injustiça e a morte parecem ter vencido. Ajudemo-nos uns aos outros, como exortei na tarde da minha eleição, “a construir pontes com o diálogo e o encontro, unindo-nos todos para sermos um só povo sempre em paz”. Isto não se improvisa: constitui um entrelaçamento dinâmico e contínuo de graça e liberdade que até agora, encontrando-nos, reforçamos.

Já o Papa Leão XIII – que viveu num período histórico de transformações epocais e devastadoras – visava contribuir para a paz, estimulando o diálogo social entre o capital e o trabalho, entre as tecnologias e a inteligência humana, entre as diferentes culturas políticas, entre as Nações. O Papa Francisco recorreu ao termo “policrise” para evocar a dramaticidade da conjuntura histórica que hoje vivemos, na qual convergem guerras, mudanças climáticas, desigualdades crescentes, migrações forçadas e atribuladas, pobreza estigmatizada, inovações tecnológicas revolucionárias, precariedade do trabalho e dos direitos (*Mensagem aos participantes na Assembleia geral da Pontifícia Academia para a Vida*, 3 de março de 2025). Sobre questões tão importantes, a Doutrina Social da Igreja é chamada a oferecer chaves interpretativas que coloquem em diálogo ciência e consciência, proporcionando assim uma contribuição fundamental para o conhecimento, a esperança e a paz.

Com efeito, a Doutrina Social educa-nos a reconhecer que mais importante do que os problemas, ou do que as respostas a eles, é o modo como os enfrentamos, com critérios de avaliação e princípios éticos, e com abertura à graça de Deus.

Vocês têm a oportunidade de demonstrar que a Doutrina Social da Igreja, com a sua ótica antropológica, tenciona favorecer o verdadeiro acesso às questões sociais: não quer levantar a bandeira da posse da verdade, nem a propósito da análise dos problemas, nem sequer da sua resolução. Nestas questões, é mais importante saber abordá-las do que dar uma resposta apressada sobre o porquê algo aconteceu ou sobre o modo de o superar. O objetivo é aprender a enfrentar os problemas, que são sempre diferentes, pois cada geração é nova, com novos desafios, novos sonhos, novas interrogações.

Estamos diante de um aspecto fundamental da construção da “cultura do encontro” através do diálogo e da amizade social. Para a sensibilidade de muitos dos nossos contemporâneos, as palavras “diálogo” e “doutrina” soam opostas, incompatíveis. Quando ouvimos a palavra “doutrina”, talvez nos venha à mente a definição clássica: um conjunto de ideias próprias de uma religião. E com esta definição sentimo-nos pouco livres para refletir, questionar ou procurar novas alternativas.

Então, torna-se urgente a tarefa de mostrar, através da Doutrina Social da Igreja, que existe outro significado promissor da expressão “doutrina”, sem o qual até o diálogo se esvazia. Os seus sinônimos podem ser “ciência”, “disciplina” ou “saber”. Assim entendida, cada doutrina é reconhecida como fruto de busca e, portanto, de hipóteses, vozes, progressos e fracassos, mediante os quais procura transmitir um conhecimento fiável, ordenado e sistemático sobre um determinado assunto. Deste modo, uma doutrina não equivale a uma opinião, mas a um caminho comum, coral e até multidisciplinar rumo à verdade.

A doutrinação é imoral, impede o juízo crítico, atenta contra a sagrada liberdade do respeito pela própria consciência – ainda que esteja errada – e fecha-se a novas reflexões porque recusa o movimento, a mudança ou a evolução das ideias face a novos problemas. Pelo contrário, a doutrina como reflexão séria, serena e rigorosa tem como finalidade ensinar-nos, em primeiro lugar, a saber abordar as situações e, antes ainda, as pessoas. Além disso, ajuda-nos na formulação do juízo prudencial. Com cada doutrina, até com a Doutrina Social, devemos aprender a seriedade, o rigor e a serenidade.

No contexto da revolução digital em curso, o mandato de educar para o sentido crítico deve ser redescoberto, explicitado e cultivado, evitando as tentações opostas, que podem permear até o corpo eclesial. À nossa volta há pouco diálogo e prevalecem as palavras gritadas, muitas vezes as *fake news* e as teses irracionais de poucos arrogantes. Portanto, são fundamentais o aprofundamento e o estudo e, igualmente, o encontro e a escuta dos pobres, tesouro da Igreja e da humanidade, portadores de pontos de vista descartados, mas indispensáveis para ver o mundo com os olhos de Deus. Quem nasce e cresce longe dos centros de poder não deve ser apenas instruído na Doutrina Social da Igreja, mas reconhecido como seu continuador e atualizador: as testemunhas de compromisso social, os movimentos populares e as várias organizações católicas de trabalhadores são expressão das periferias existenciais, onde a esperança resiste e germina sempre. Exorto vocês a dar a palavra aos pobres!

Caríssimos, como afirma o Concílio Vaticano II, “é dever permanente da Igreja investigar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para que assim possa responder, de modo adequado a cada geração, às eternas interrogações dos homens acerca do sentido da vida presente e futura, e sobre as suas relações mútuas” (Constituição pastoral *Gaudium et spes*, 4).

Portanto, convido vocês a participar ativa e criativamente neste exercício de discernimento, contribuindo para desenvolver a Doutrina Social da Igreja com o povo de Deus, neste período histórico de grandes turbulências sociais, escutando e dialogando com todos. Hoje há necessidade generalizada de justiça, uma exigência de paternidade e maternidade, um profundo desejo de espiritualidade, sobretudo por parte dos jovens, dos marginalizados, que nem sempre encontram canais efetivos para se exprimir. Existe uma busca crescente de Doutrina Social da Igreja, à qual devemos dar uma resposta!

Obrigado pelo seu compromisso e pelas suas orações pelo meu ministério! Abençoo de coração todos vocês, as suas famílias e o seu trabalho. Obrigado!

[Voltar ao índice](#)

## Celebração Eucarística por ocasião do início do ministério petrino do Bispo de Roma Leão XIV (18/05/2025)

Queridos irmãos Cardeais,  
Irmãos no episcopado e no sacerdócio,  
Distintas Autoridades e Membros do Corpo Diplomático!  
Saúdo os peregrinos que vieram para o Jubileu das Irmandades!  
Irmãos e irmãs,

No início do ministério que me foi confiado, a todos cumprimento com o coração cheio de gratidão. Escreveu Santo Agostinho: "Fizeste-nos para Vós, [Senhor,] e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Vós" (*Confissões*, 1,1.1).

Nos últimos dias, vivemos tempos particularmente intensos. A morte do Papa Francisco encheu os nossos corações de tristeza e, naquelas horas difíceis, sentimos-nos como as multidões que o Evangelho diz serem "como ovelhas sem pastor" (*Mt 9, 36*). No entanto, precisamente no dia de Páscoa, recebemos a sua última bênção e, à luz da ressurreição, enfrentamos este momento na certeza de que o Senhor nunca abandona o seu povo, mas congrega-o quando se dispersa e guarda-o "como o pastor ao seu rebanho" (*Jr 31, 10*).

Neste espírito de fé, o Colégio Cardinalício reuniu-se para o Conclave. Chegando com histórias diferentes e a partir de caminhos diversos, colocamos nas mãos de Deus o desejo de eleger o novo sucessor de Pedro, o Bispo de Roma, um pastor capaz de guardar o rico patrimônio da fé cristã e, ao mesmo tempo, de olhar para longe, para ir ao encontro das interrogações, das inquietações e dos desafios de hoje. Acompanhados pela sua oração, sentimos a ação do Espírito Santo, que soube harmonizar os diferentes instrumentos musicais e fez vibrar as cordas do nosso coração numa única melodia.

Fui escolhido sem qualquer mérito e, com temor e tremor, *venho como um irmão* que deseja fazer-se servo da sua fé e da sua alegria, percorrendo com vocês o caminho do amor de Deus, que nos quer a todos unidos numa única família.

*Amor e unidade*: estas são as duas dimensões da missão que Jesus confiou a Pedro.

É o que nos narra o trecho do Evangelho, que nos leva ao lago de Tiberíades, o mesmo onde Jesus iniciou a missão recebida do Pai: "pescar" a humanidade, resgatando-a das águas do mal e da morte. Ao passar pela margem daquele lago, chamou Pedro e os outros primeiros discípulos para serem como Ele, "pescadores de homens", e agora, após a ressurreição, cabe-lhes precisamente a eles levar em frente esta missão, lançar sempre e novamente a rede imergindo nas águas do mundo a esperança do Evangelho, e navegar no mar da vida para que todos se possam reencontrar no abraço de Deus.

Como pode Pedro levar adiante essa tarefa? O Evangelho diz-nos que isso só é possível porque ele experimentou na própria vida o amor infinito e incondicional de Deus, mesmo na hora do fracasso e da negação. Por isso, quando Jesus se dirige a Pedro, o Evangelho usa o verbo grego *agapao*, que se refere ao amor que Deus tem por nós, à sua entrega sem reservas nem cálculos, diferente do usado na resposta de Pedro, que descreve o amor de amizade que cultivamos entre nós.

Quando Jesus pergunta a Pedro – "Simão, filho de João, tu amas-me?" (*Jo 21, 16*) – refere-se ao amor do Pai. É como se Jesus lhe dissesse: só se conhecestes e experimentaste este amor de Deus, que nunca falha, poderás apascentar as minhas

ovelhas; só no amor de Deus Pai poderás amar os teus irmãos com “algo mais”, isto é, oferecendo a vida por eles.

A Pedro, portanto, é confiada a tarefa de “amar mais” e dar a sua vida pelo rebanho. O ministério de Pedro é marcado precisamente por este amor oblato, porque a Igreja de Roma preside na caridade e a sua verdadeira autoridade é a caridade de Cristo. Não se trata nunca de capturar os outros com a prepotência, com a propaganda religiosa ou com os meios do poder, mas se trata sempre e apenas de amar como fez Jesus.

Ele é – afirma o próprio apóstolo Pedro – “a pedra que vós, os construtores, desprezastes e que se transformou em pedra angular” (*Act 4, 11*). E se a pedra é Cristo, Pedro deve apascentar o rebanho sem nunca ceder à tentação de ser um líder solitário ou um chefe colocado acima dos outros, tornando-se dominador das pessoas que lhe foram confiadas (cf. *1 Pe 5, 3*); pelo contrário, é pedido a ele que sirva a fé dos irmãos, caminhando com eles: todos nós, com efeito, somos “pedras vivas” (*1 Pe 2, 5*), chamados pelo nosso Batismo a construir o edifício de Deus na comunhão fraterna, na harmonia do Espírito, na convivência das diversidades. Como afirma Santo Agostinho: “A Igreja é constituída por todos aqueles que mantêm a concórdia com os irmãos e que amam o próximo” (*Sermão 359, 9*).

Irmãos e irmãs, gostaria que fosse este o nosso primeiro grande desejo: *uma Igreja unida, sinal de unidade e comunhão, que se torne fermento para um mundo reconciliado.*

No nosso tempo, ainda vemos demasiada discórdia, demasiadas feridas causadas pelo ódio, a violência, os preconceitos, o medo do diferente, por um paradigma econômico que explora os recursos da Terra e marginaliza os mais pobres. E nós queremos ser, dentro desta massa, um pequeno fermento de unidade, comunhão e fraternidade. Queremos dizer ao mundo, com humildade e alegria: Olhem para Cristo! Aproximem-se d’Ele! Acolham a sua Palavra que ilumina e consola! Escutem a sua proposta de amor para se tornarem a sua única família. *No único Cristo somos um.* E este é o caminho a percorrer juntos – entre nós, mas também com as Igrejas cristãs irmãs, com aqueles que percorrem outros caminhos religiosos, com quem cultiva a inquietação da busca de Deus, com todas as mulheres e todos os homens de boa vontade – para construirmos um mundo novo onde reine a paz.

Este é o espírito missionário que nos deve animar, sem nos fecharmos no nosso pequeno grupo nem nos sentirmos superiores ao mundo; somos chamados a oferecer a todos o amor de Deus, para que se realize aquela unidade que não anula as diferenças, mas valoriza a história pessoal de cada um e a cultura social e religiosa de cada povo.

Irmãos, irmãs, esta é a hora do amor! A caridade de Deus, que faz de nós irmãos, é o coração do Evangelho e, com o meu predecessor Leão XIII, podemos hoje perguntar-nos: “Não se veria em breve prazo estabelecer-se a pacificação, se estes ensinamentos pudessem vir a prevalecer nas sociedades?” (*Carta enc. Rerum novarum, 14*)

Com a luz e a força do Espírito Santo, construamos uma Igreja fundada no amor de Deus e sinal de unidade, uma Igreja missionária, que abre os braços ao mundo, que anuncia a Palavra, que se deixa inquietar pela história e que se torna fermento de concórdia para a humanidade.

Juntos, como único povo, todos irmãos, caminhemos ao encontro de Deus e amemo-nos uns aos outros.

## [Regina Caeli no final da Santa Missa](#)

No final desta celebração, saúdo e agradeço a todos, romanos e fiéis de tantas partes do mundo, que nela desejaram participar!

Exprimo em particular a minha gratidão às Delegações oficiais de muitos países, bem como aos Representantes das Igrejas e Comunidades eclesiais e de outras religiões.

Dirijo uma saudação calorosa aos milhares de peregrinos que vieram de todos os continentes por ocasião do Jubileu das Irmandades. Caríssimos, agradeço por manterem vivo o grande patrimônio da piedade popular!

Durante a Missa senti fortemente a presença espiritual do Papa Francisco, que nos acompanha do Céu. Nesta dimensão da comunhão dos santos, recordo que ontem, em Chambéry, na França, foi beatificado o padre Camille Costa de Beauregard. Viveu em finais do século XIX e inícios do século XX, e deu testemunho de grande caridade pastoral.

Na alegria da fé e da comunhão, não podemos esquecer os nossos irmãos e irmãs que sofrem por causa das guerras. Em Gaza, as crianças, as famílias e os idosos que sobreviveram estão sujeitos à fome. Em Myanmar, novas hostilidades dizimaram jovens vidas inocentes. A martirizada Ucrânia aguarda as negociações para uma paz justa e duradoura.

Por isso, enquanto entregamos a Maria o serviço do Bispo de Roma, Pastor da Igreja universal, a partir da "barca de Pedro" olhamos para ela, Estrela do Mar, Mãe do Bom Conselho, como sinal de esperança. Imploramos da sua intercessão o dom da paz, o apoio e o conforto para quem sofre, a graça de todos sermos testemunhas do Senhor ressuscitado.

[Voltar ao índice](#)

## Discurso às Delegações Ecumênicas e Inter-religiosas reunidas para o Início do Ministério Petrino do Papa Leão XIV (19/05/2025)

*Queridos irmãos e irmãs!*

Dirijo, com grande alegria, uma cordial saudação a todos vocês, Representantes de outras Igrejas e Comunidades eclesiais, bem como de outras religiões, que quiseram participar na celebração inaugural do meu ministério como Bispo de Roma e Sucessor de Pedro. Ao mesmo tempo que expresso afeto fraterno a Sua Santidade Bartolomeu, a Sua Beatitude Teófilo III e a Sua Santidade Mar Awa III, estou sinceramente grato a cada um: a sua presença e orações são para mim de grande conforto e encorajamento.

Um dos pontos fortes do pontificado do Papa Francisco foi o da fraternidade universal. A este respeito, o Espírito Santo realmente "impulsionou-o" para fazer avançar a passos largos a abertura e as iniciativas já empreendidas pelos Pontífices precedentes, sobretudo a partir de São João XXIII. O Papa da *Irmandade* promoveu o caminho ecumênico e o diálogo inter-religioso, e fez isso sobretudo cultivando as relações interpessoais, de tal modo que o aspecto humano do encontro foi sempre valorizado, sem diminuir em nada os vínculos eclesiais. Que Deus nos ajude a valorizar o seu testemunho!

A minha eleição ocorreu no 1700º aniversário do Primeiro Concílio Ecumênico de Niceia. Este Concílio representa um marco na elaboração do Credo partilhado por todas as Igrejas e Comunidades eclesiais. Enquanto estamos a caminho de restabelecer a plena comunhão entre todos os cristãos, reconhecemos que esta unidade só pode ser a unidade na fé. Como Bispo de Roma, considero ser um dos meus deveres prioritários procurar o restabelecimento da comunhão plena e visível entre todos aqueles que professam a mesma fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Com efeito, a unidade foi sempre para mim uma preocupação constante, como o testemunha o lema que escolhi para o ministério episcopal: *In Illo uno unum*, expressão de Santo Agostinho de Hipona que nos recorda como também nós, embora sejamos muitos, "n'Aquele que é um [ou seja, Cristo], somos um só" (*Comentários aos Salmos*, 127, 3). A nossa comunhão realiza-se efetivamente na medida em que convergimos no Senhor Jesus. Quanto mais formos fiéis e obedientes a Ele, mais unidos estaremos entre nós. Por isso, como cristãos, todos somos chamados a rezar e a trabalhar juntos para, passo a passo, alcançarmos este objetivo, que é e permanece obra do Espírito Santo.

Consciente, além disso, de que sinodalidade e ecumenismo estão intimamente ligados, desejo assegurar a vocês a minha intenção de continuar o compromisso do Papa [Francisco](#) de promover o caráter sinodal da Igreja Católica e de desenvolver novas e concretas formas para uma sinodalidade cada vez mais intensa no campo ecumênico.

O nosso caminho comum pode e deve ser entendido também em sentido amplo, envolvendo todos, no espírito de fraternidade humana a que acima me referi. O tempo presente é de diálogo e de construção de pontes. Por isso, congratulo-me e agradeço a presença dos representantes de outras tradições religiosas, que partilham a busca de Deus e da sua vontade, que é sempre e simplesmente a vontade de amor e de vida para os homens e as mulheres e todas as criaturas.

Vocês foram testemunhas dos notáveis esforços feitos pelo Papa Francisco a favor do diálogo inter-religioso. Com as suas palavras e ações, ele abriu novas perspectivas de encontro, para promover “a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério” (*Documento sobre a fraternidade humana para a paz mundial e a convivência comum*, Abu Dhabi, 4 de fevereiro de 2019). Agradeço ao Dicastério para o Diálogo Inter-religioso o papel essencial que desempenha neste trabalho paciente de encorajar encontros e intercâmbios concretos, destinados a construir relações baseadas na fraternidade humana.

Gostaria de dirigir uma saudação especial aos nossos irmãos e irmãs judeus e muçulmanos. Devido às raízes judaicas do cristianismo, todos os cristãos têm uma relação especial com o judaísmo. A Declaração conciliar *Nostra Aetate* (n. 4) sublinha a grandeza do patrimônio espiritual partilhado por cristãos e judeus, encorajando o conhecimento e a estima recíprocos. O diálogo teológico entre cristãos e judeus, que é sempre importante, eu tomo-o muito a peito. Mesmo nestes tempos difíceis, marcados por conflitos e incompreensões, é necessário prosseguir com coragem este nosso precioso diálogo.

As relações entre a Igreja Católica e os muçulmanos têm sido marcadas por um crescente empenho no diálogo e na fraternidade, fomentado pela estima por estes irmãos e irmãs, pois “adoram eles o Deus Único, vivo e subsistente, misericordioso e onipotente, criador do céu e da terra, que falou aos homens” (*ibid.*, 3). Esta abordagem, baseada no respeito mútuo e na liberdade de consciência, é uma base sólida para construir pontes entre as nossas comunidades.

A todos vocês, representantes de outras tradições religiosas, expresso a minha gratidão pela sua participação neste encontro e pelo seu contributo para a paz. Num mundo ferido pela violência e pelo conflito, cada uma das comunidades aqui representadas traz o seu próprio contributo de sabedoria, compaixão e empenho para o bem da humanidade e para a preservação da casa comum. Estou convencido de que, se estivermos de acordo e livres de condicionamentos ideológicos e políticos, poderemos ser eficazes em dizer “não” à guerra e “sim” à paz, “não” à corrida ao armamento e “sim” ao desarmamento, “não” a uma economia que empobrece os povos e a Terra e “sim” ao desenvolvimento integral.

O testemunho da nossa fraternidade, que espero possamos demonstrar com gestos eficazes, contribuirá certamente para a construção de um mundo mais pacífico, como todos os homens e mulheres de boa vontade desejam em seu coração.

Caríssimos, mais uma vez obrigado pela sua proximidade. Invoquemos nos nossos corações a bênção de Deus: que a sua infinita bondade e sabedoria nos ajudem a viver como seus filhos e, entre nós, como irmãos e irmãs, para que a esperança cresça no mundo. Agradeço-os de coração!

[Voltar ao índice](#)

## Homilia do Papa Leão IV na visita ao sepulcro de São Paulo (20/05/2025)

A passagem bíblica que ouvimos é o início de uma linda carta dirigida por São Paulo aos cristãos de Roma, cuja mensagem gira em torno de três grandes temas: *a graça, a fé e a justiça*. Ao confiarmos o início deste novo Pontificado à intercessão do Apóstolo dos Gentios, meditemos juntos sobre a sua mensagem.

São Paulo diz, primeiramente, que recebeu de Deus a *graça* da vocação (cf. *Rm 1, 5*). Ou seja, reconhece que o seu encontro com Cristo e o seu ministério estão ligados ao amor com que Deus o amou primeiro, chamando-o a uma nova existência, quando ele ainda estava longe do Evangelho e perseguia a Igreja. Santo Agostinho – também ele convertido – fala da mesma experiência, dizendo: “Mas o que podemos escolher, se antes não formos escolhidos? Porque não conseguiremos amar, se antes não formos amados” (*Sermão 34, 2*). Na raiz de toda a vocação está Deus: a sua misericórdia, a sua bondade, generosa como a de uma mãe (cf. *Is 66, 12-14*), que naturalmente, através do seu próprio corpo, alimenta o seu filho quando este ainda não é capaz de se alimentar a si mesmo (cf. Santo Agostinho, *Comentário aos Salmos*, 130, 9).

Mas Paulo, no mesmo trecho, fala também da “obediência da fé” (*Rm 1, 5*), e também aqui partilha a sua experiência. Com efeito, o Senhor, ao aparecer-lhe no caminho de Damasco (cf. *Act 9, 1-30*), não o privou da liberdade, mas deixou-lhe a possibilidade de uma escolha, de uma obediência que era fruto do esforço, de lutas interiores e exteriores, que ele aceitou enfrentar. A salvação não acontece por magia, mas por um mistério de *graça* e de *fé*, do amor prévio de Deus e da adesão confiante e livre do homem (cf. *2Tm 1, 12*).

Ao mesmo tempo que agradecemos ao Senhor a vocação com que transformou a vida de Saulo, pedimos-lhe que saibamos responder do mesmo modo aos seus convites, tornando-nos testemunhas do amor “derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (*Rm 5, 5*). Pedimos-lhe que saibamos cultivar e difundir a sua caridade, tornando-nos próximos uns dos outros (cf. Francisco, *Homilia das segundas vésperas da Solenidade da Conversão de São Paulo*, 25 de janeiro de 2024), no mesmo combate de sentimentos que, a partir do encontro com Cristo, levou o antigo perseguidor a fazer-se “tudo para todos” (*1 Cor 9, 22*), até ao martírio. Assim, na fraqueza da carne, para nós como para ele, revelar-se-á o poder da fé no Deus que *justifica* (cf. *Rm 5, 1-5*).

Esta Basílica está confiada, há séculos, aos cuidados de uma comunidade beneditina. Falando, portanto, do amor como fonte e motor do anúncio do Evangelho, como não recordar os insistentes apelos de São Bento, na sua Regra, à caridade fraterna no mosteiro e à hospitalidade para com todos (*Regra*, capítulos LIII; LXIII)?

Mas gostaria de concluir recordando as palavras que, mais de mil anos depois, outro Bento, o Papa Bento XVI, dirigiu aos jovens: “Queridos amigos – disse – Deus ama-nos. Esta é a grande verdade da nossa vida e que dá sentido a tudo o mais. [...] na origem da nossa existência, há um projeto de amor de Deus” e a fé “nos leva a abrir o nosso coração a este mistério de amor e a viver como pessoas que se sabem amadas por Deus” (*Homilia na Vigília de Oração com os jovens*, Madri, 20 de agosto de 2011).

Esta é a raiz, simples e única, de toda a missão, incluindo a minha, como sucessor de Pedro e herdeiro do zelo apostólico de Paulo. Que o Senhor me dê a graça de corresponder fielmente ao seu chamamento.

[Voltar ao índice](#)

## Encontro com a Cúria Romana e com os funcionários do Estado da Cidade do Vaticano (24/05/2025)

Obrigado! Se os aplausos durarem mais do que o discurso, terei que fazer um discurso mais longo! Então... tomem cuidado! Obrigado!

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a paz esteja convosco.

Queridos irmãos e irmãs!

Estou feliz por poder cumprimentar todos vocês que formam as comunidades de trabalho da Cúria Romana, do Governatorato e do Vicariato de Roma.

Saúdo os Chefes de Dicastérios e os outros Superiores, os Chefes de Gabinetes e todos os Funcionários; bem como as Autoridades da Cidade do Vaticano, gerentes e funcionários. E estou muito satisfeito com o fato de vários familiares também estarem presentes, aproveitando o sábado.

Este nosso primeiro encontro não é certamente o momento para discursos programáticos, mas é antes uma ocasião para agradecer a vocês pelo serviço que prestam e que eu, por assim dizer, 'herdei' dos meus predecessores. De fato, muito obrigado. Como vocês sabem, cheguei há apenas dois anos, quando meu amado Papa Francisco me nomeou Prefeito do Dicastério para os Bispos. Então, deixei a Diocese de Chiclayo, no Peru, e vim trabalhar aqui. Que mudança! E agora... O que posso dizer? Apenas o que Simão Pedro disse a Jesus no lago de Tiberíades: 'Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que te amo' (Jo 21,17).

Os Papas passam, a Cúria permanece. Isso é verdade em toda Igreja particular, para as Cúrias Episcopais. E também se aplica à Cúria do Bispo de Roma. A Cúria é a instituição que preserva e transmite a memória histórica de uma Igreja, do ministério de seus bispos. Isso é muito importante. A memória é um elemento essencial em um organismo vivo. Ela não está voltada apenas para o passado, mas nutre o presente e orienta o futuro. Sem memória, o caminho se perde, perde o senso de direção.

Este, queridos amigos, é o primeiro pensamento que gostaria de compartilhar com vocês: trabalhar na Cúria Romana significa ajudar a manter viva a memória da Sé Apostólica, no sentido vital que acabei de mencionar, para que o ministério do Papa possa ser realizado da melhor maneira possível. E, por analogia, isso também pode ser dito sobre os serviços do Estado da Cidade do Vaticano.

Depois, há outro aspecto que eu gostaria de lembrar, complementar ao da memória, que é a dimensão missionária da Igreja, da Cúria e de todas as instituições ligadas ao ministério petrino. Sobre isso insistiu muito o Papa Francisco, que, em coerência com o projeto exposto na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, reformou a Cúria Romana na perspectiva da evangelização, com a Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium*. E isso ele fez na linha de seus predecessores, especialmente São Paulo VI e São João Paulo II.

Como creio que sabem, a experiência missionária faz parte de minha vida, e não só como batizado, como todos nós cristãos, mas porque como religioso agostiniano fui missionário no Peru, e no meio do povo peruano amadureceu minha vocação pastoral.

Nunca poderei agradecer o suficiente ao Senhor por este dom! Depois, o chamado para servir a Igreja aqui na Cúria Romana foi uma nova missão, que compartilhei com vocês nestes dois anos. E ainda a continuo e continuarei, enquanto Deus quiser, neste serviço que me foi confiado.

Portanto, repito a vocês o que disse em minha primeira saudação, na noite de 8 de maio: "Devemos buscar juntos como ser uma igreja missionária que constrói pontes e diálogo. Sempre aberta para acolher (...) de braços abertos. A todos aqueles que precisam de nossa caridade, nossa presença, diálogo e amor". Essas palavras foram dirigidas à Igreja de Roma. E agora eu as repito pensando na missão desta Igreja para com todas as Igrejas e o mundo inteiro, para servir à comunhão, à unidade, na caridade e na verdade. O Senhor confiou a Pedro e aos seus sucessores esta tarefa, e todos vocês, de diferentes maneiras, colaboram nesta grande obra. Cada um dá a sua contribuição, realizando o seu trabalho cotidiano com empenho e também com fé, porque a fé e a oração são como o sal para a comida, dão sabor.

Portanto, se todos devemos cooperar com a grande causa da unidade e do amor, tentemos fazer isso, em primeiro lugar, por meio de nosso comportamento nas situações cotidianas, começando também pelo local de trabalho. Cada um pode ser construtor de unidade com a sua atitude para com os colegas, superando os inevitáveis mal-entendidos com paciência e humildade, colocando-se no lugar dos outros, evitando preconceitos e também com uma boa dose de humor, como nos ensinou o Papa Francisco.

Queridos irmãos e irmãs, obrigado mais uma vez de coração! Estamos no mês de maio: invoquemos juntos a Virgem Maria, para que abençoe a Cúria Romana e a Cidade do Vaticano, e também as suas famílias, especialmente as crianças, os idosos e as pessoas doentes e sofredoras.

Obrigado!

Portanto, digamos juntos: "Ave Maria..."

Mais uma vez, muito obrigado.

[Voltar ao índice](#)

## Celebração Eucarística e Tomada de Posse da Cátedra Romana do Bispo de Roma Leão XIV (25/05/2025)

Dirijo uma cordial saudação aos senhores Cardeais presentes, em particular ao Cardeal Vigário, aos Bispos auxiliares e a todos os Bispos, aos queridos Sacerdotes: Párcos, Vigários paroquiais e todos aqueles que, de diferentes modos, cooperam com o cuidado pastoral das nossas comunidades; saúdo também os diáconos, os religiosos e religiosas, as autoridades e todos vocês, queridos fiéis.

A Igreja de Roma é herdeira de uma grande história, enraizada no testemunho de Pedro, de Paulo e de inúmeros mártires, e tem uma única missão, muito bem expressa pelo que está escrito na fachada desta Catedral: ser *Mater omnium Ecclesiarum*, Mãe de todas as Igrejas.

O Papa Francisco, frequentemente, convidou-nos a meditar sobre a dimensão materna da Igreja (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 46-49.139-141; *Catequese*, 13 de janeiro de 2016) e sobre as características que lhe são próprias: a ternura, a disponibilidade ao sacrifício e aquela capacidade de escuta que permite não só socorrer, mas muitas vezes prover às necessidades e às expectativas, antes mesmo que sejam manifestadas. Estes são traços que desejamos que cresçam em todo o povo de Deus, e também aqui, na nossa grande família diocesana: nos fiéis e nos pastores, a começar por mim. As leituras que ouvimos podem ajudar-nos a refletir sobre estes traços.

Nos Atos dos Apóstolos (cf. 15, 1-2.22-29) narra-se, em particular, como a comunidade primitiva enfrentou o desafio da abertura ao mundo pagão no anúncio do Evangelho. Não foi uma tarefa fácil: exigiu muita paciência e escuta recíproca; isto aconteceu, primeiramente, dentro da comunidade de Antioquia, onde os irmãos, dialogando – e também discutindo –, chegaram juntos a uma definição sobre a questão. Depois, porém, Paulo e Barnabé subiram a Jerusalém. Não decidiram por conta própria: procuraram a comunhão com a Igreja mãe e foram até lá com humildade.

Ali encontraram Pedro e os Apóstolos, que os ouviram. Assim se iniciou o diálogo que finalmente levou à decisão correta: reconhecendo e considerando as dificuldades dos neófitos, concordou-se em não lhes impor encargos excessivos, mas limitar-se a pedir o essencial (cf. *Act* 15, 28-29). Assim, o que poderia parecer um problema, tornou-se para todos uma ocasião de reflexão e crescimento.

O texto bíblico, no entanto, nos diz mais, indo além da já rica e interessante dinâmica humana do evento.

Isso é revelado pelas palavras que os irmãos de Jerusalém dirigem, por carta, aos de Antioquia, comunicando-lhes as decisões tomadas. Eles escrevem: “o Espírito Santo e nós próprios resolvemos” (*Act* 15, 28). Enfatizam, portanto, que a atitude mais importante em toda a questão – aquela que tornou possível todo o resto – foi a escuta da voz de Deus. Assim, eles nos lembram que a comunhão se constrói primeiramente “de joelhos”, na oração e num compromisso contínuo de conversão. Na realidade, somente com esta atitude cada um pode ouvir dentro de si a voz do Espírito que clama: “Abbá! Pai!” (*Gal* 4, 6) e, conseqüentemente, ouvir e compreender os outros como irmãos.

Também o Evangelho nos reafirma esta mensagem (cf. *Jo* 14, 23-29), dizendo-nos que não estamos sozinhos nas escolhas da vida. O Espírito nos sustenta e nos indica o caminho a seguir, “ensinando-nos” e “lembrando-nos” tudo o que disse Jesus (cf. *Jo* 14, 26).

Em primeiro lugar, o Espírito nos ensina as palavras do Senhor, gravando-as profundamente em nós, segundo a imagem bíblica da lei escrita não mais em tábuas de pedra, mas nos nossos corações (cf. *Jr* 31, 33); um dom que nos ajuda a crescer até nos tornarmos “carta de Cristo” (cf. *2 Cor* 3, 3) uns para os outros. E é exatamente assim: somos tanto mais capazes de anunciar o Evangelho quanto mais nos deixamos conquistar e transformar por ele, permitindo que a força do Espírito nos purifique no íntimo, torne simples as nossas palavras, honestos e transparentes os nossos desejos, generosas as nossas ações.

E aqui entra em cena o outro verbo: “recordar”, ou seja, voltar a dirigir a atenção do coração para o que vivemos e aprendemos, para penetrar mais profundamente no seu significado e saborear a sua beleza.

Penso, a este respeito, no exigente caminho que a Diocese de Roma está percorrendo nestes anos, articulado em vários níveis de escuta: em direção do mundo que a rodeia, para acolher os seus desafios, e dentro das comunidades, para compreender as necessidades e promover sábias e proféticas iniciativas de evangelização e caridade. É um caminho difícil, ainda em curso, que procura abranger uma realidade muito rica, mas também muito complexa. É, entretanto, digno da história desta Igreja, que tantas vezes demonstrou saber pensar de modo magnânimo, dedicando-se sem reservas a projetos corajosos e assumindo riscos, mesmo perante cenários novos e desafiadores.

Um sinal disto é o grande empenho com que toda a diocese, justamente nestes dias, tem se dedicado ao Jubileu, no acolhimento e cuidado dos peregrinos e em inúmeras outras iniciativas. Graças a tantos esforços, a cidade se apresenta àqueles que nela chegam – às vezes de muito longe – como uma grande casa aberta e acolhedora e, sobretudo, como um lar de fé.

Quanto a mim, expressei o desejo e o compromisso de entrar neste vasto canteiro, colocando-me, na medida do possível, à escuta de todos, para aprender, compreender e decidir juntos: “para vós sou Bispo, convosco sou cristão”, como dizia Santo Agostinho (cf. *Sermão* 340, 1). Peço a vocês que me ajudem a fazer isso num esforço comum de oração e caridade, recordando as palavras de São Leão Magno: “Todo o bem realizado por nós no exercício do nosso ministério é obra de Cristo, e não nossa; pois nada podemos sem Ele, mas é n’Ele que nos gloriamos, d’Ele que provém toda a eficácia da nossa ação” (*Sermão* 5, *De natali ipsius*, 4).

Para concluir, gostaria de acrescentar a essas palavras aquilo que disse o B. João Paulo I, que em 23 de setembro de 1978, com o rosto radiante e sereno que já lhe valera o apelido de “Papa do sorriso”, assim saudou a sua nova família diocesana: “São Pio X – dizia ele – entrando como Patriarca em Veneza, exclamou em São Marcos: ‘Que seria de mim, venezianos, se não os amasse?’. Eu digo aos Romanos coisa semelhante: posso assegurar a vocês que os amo, que só desejo começar a servir e pôr à disposição de todos as minhas pobres forças, aquele pouco que tenho e sou” (*Homilia na tomada de posse da Cátedra do Bispo de Roma*, 23 de setembro de 1978).

Também eu expresso todo o meu carinho, com o desejo de partilhar com vocês, no caminho comum, alegrias e dores, cansaços e esperanças. Também eu ofereço “o pouco que tenho e que sou”, e confio-o à intercessão dos Santos Pedro e Paulo e de tantos outros irmãos e irmãs, cuja santidade iluminou a história desta Igreja e as ruas desta cidade. Que a Virgem Maria nos acompanhe e interceda por nós.

[Voltar ao índice](#)

## Visita à Basílica de Santa Maria Maior e veneração do Ícone da Santíssima Virgem Maria "Salus Populi Romani" (25/05/2025)

Irmãos e irmãs, a paz esteja com vocês!

Boa tarde a todos. Obrigado por estarem aqui, neste momento em que celebramos, todos reunidos como membros da Diocese de Roma, a presença de seu novo Bispo. Estou muito feliz por encontrar todos vocês aqui e agradeço de coração. Estou muito feliz por encontrar todos vocês aqui e agradeço de coração.

Agradeço a todos os que trabalham nesta Basílica, aos dois cardeais que me acompanham nesta noite e a tantas pessoas que se dedicam a nos ajudar a viver nossa vida de oração, de devoção, e que, sobretudo, nos ajudam a nos aproximar da Mãe de Jesus, da Mãe de Deus, Maria Santíssima. É uma belíssima oportunidade para renovar essa devoção a Maria, Salus Populi Romani, que tantas vezes acompanhou o povo de Roma em suas necessidades.

Pedimos a Deus, por intercessão de sua Mãe, que abençoe todos vocês, suas famílias, seus entes queridos, e que Maria nos ajude a caminhar juntos na Igreja, unidos como uma única família de Deus.

Vamos rezar juntos:

Ave Maria, cheia de Graça...

Boa noite a todos e muito obrigado!

[Voltar ao índice](#)